

# Editorial

Na *Stylus 41*, com o tema “A peste, a pandemia e a política”, tivemos artigos que discutiam a questão da pandemia e suas consequências, ainda no calor do momento, no sentido de que vivíamos o tempo presente da experiência. Diante dela, diversas respostas subjetivas foram sendo recolhidas, principalmente diante da “pandemia” de saúde mental, que eclodiu junto com o coronavírus. Vários coletivos de psicanalistas foram formados para dar escuta à quantidade grande de sujeitos que demandavam modos de tratar seu sofrimento, que naquele momento estava atrelado aos efeitos pandêmicos.

Sofrimento advindo do luto, da proximidade por conta do confinamento, das incertezas sociais, políticas, financeiras e de saúde, que ganharam mais peso, sofrimento a partir das indeterminações gerais que acometeram não só certos grupos, mas nesse caso a humanidade. Diversos afetos — como sempre — foram servindo para expressar o mal-estar generalizado que nos acometia, mas provavelmente a angústia foi um dos mais presentes. Angústia, sinal da presença do Real.

Diante disso, a psicanálise comparece a partir daquilo que tem a oferecer: maneiras de se pensar as consequências subjetivas de tal acontecimento e modos de tratamento do sofrimento psíquico. Daí a ideia de pensar o trauma — concepção psicanalítica de base, quase um fundamento clínico/teórico — e as possibilidades de escuta. Ambos, trauma e escuta, tornaram-se temas em destaque na atualidade, que, mesmo já tendo sido trabalhados e esmiuçados faz décadas, ainda permitem um modo incessante de fazer movimentar o sistema psicanalítico.

A cada giro se retomam certos conceitos, noções e fenômenos que, no entanto, não são vistos do mesmo lugar de antes, possibilitando a emergência de novas considerações sobre o que estava estabelecido e abrindo espaço para tratar o novo. Este volume da *Stylus* parece fazer isso: em um novo giro, retomar sonhos, arte, trauma, escuta, corpo, entre outros, fundamentando o que se produziu até então e permitindo aproximar de construções atuais.

Na abertura deste volume, temos o texto de Matías Buttini, “Os sonhos, ao final”, com a tradução de Maria Claudia Formigoni, que retoma a questão dos sonhos, que de tempos em tempos cai em certo ostracismo em nosso campo, para depois retornar, na medida em que se configura em uma teoria pilar da psicanálise. Buttini trata, de forma bela e delicada, dos sonhos ao final de análise e dos efeitos que se encontram no sonhar no início e no fim de uma análise. A ideia de trauma comparece de forma rápida, no que tange à diferença da destituição subjetiva selvagem a partir do evento traumático e da destituição ao final de análise.

Adentrando mais o tema do volume, Erika Vidal de Faria, em “Aborto feminino: do trauma à legitimação de um desejo”, traz considerações sobre a dimensão

traumática em uma temática atual: a questão do aborto a partir da análise do filme *Never rarely sometimes always*, traumático esse com ressonâncias singulares e sociais. Na via das questões de ordem social e o traumático, Tiago Sanches Nogueira traz um debate sobre as condições de emergência do traumático dentro do universo social, entre elas “situações de guerra, migrações e imigrações forçadas, violência e violência de Estado”, e as possibilidades de escutar o traumático de forma que este possa ser tratado.

Na vertente da escuta, Vanina Muraro apresenta o texto “O papel do ouvinte no diálogo analítico”, no qual dá ênfase à particularidade da escuta analítica e de como se fazer suporte de uma escuta que permite o falar e um trabalho próprio daquele que fala, de forma a colocar em movimento o inconsciente e abrir espaço para os efeitos analíticos. Já Beatriz Silva, no artigo “O que não pode o analista no hospital”, entra em diálogo com o conhecido livro de Maria Livia Moretto sobre o que pode um psicanalista no hospital, destacando a dimensão da escuta na atuação do analista no hospital e a intervenção que não seja pela via do conforto, em que, assim, há condições para o analítico acontecer.

Na sequência deste volume, a questão do corpo ganha espaço, sempre mediado pelo que diz respeito à escuta. São quatro textos em que o corpo ganha destaque, três deles às voltas com o enigma do fenômeno psicossomático na clínica.

No primeiro desse bloco, que não trata do psicossomático, mas faz certa costura entre a dimensão da escuta e do trauma e principalmente certos momentos do processo analítico “de travessias de uma análise, assim como suporte às experiências que beiram o abismo do traumático”, João Felipe Domiciano coloca em relevo a questão do corpo do analista e o *Nebenmensch*.

Os outros três textos abrem um leque de questões sobre a psicossomática. Jamile Luz Moraes-Monteiro fala do corpo, mas a partir de um caso clínico, em que coloca em movimento as ideias de gozo, feminino e psicossomática. Patrícia do Socorro Nunes Pereira Lima, em “A dor e o fenômeno psicossomático”, usa a ideia de “falha epistemossomática” para tratar da diferença de compreensão do fenômeno psicossomático na medicina e na psicanálise laciana e de como a escuta permite precisar se a dor diz algo ou não do sujeito. No fim desse bloco, temos Roseane Freitas Nicolau, em seu interessante e esclarecedor artigo “A pele que me (des)cobre”, que parece enlaçar os outros dois textos justamente ao pensar a psicossomática pela via do nó borromeano, e para isso pelos registros, o gozo e a letra.

Na sequência, em um ponto de passagem no volume, temos o texto de Sybele Macedo, “O *ghosting* como atualização do desamparo”. Digo “passagem” aqui pois caminhamos de “trauma, escuta e corpo” para agora “trauma, escuta e arte”. Sybele faz uma resenha sobre o livro de Natalia Timerman, *Copo vazio*, que abor-

da o fenômeno atual do *ghosting*, e o articula com o afeto do trauma, a angústia e o desamparo. Serve-nos para a virada dos três últimos textos, que são marcados pela escrita literária.

Em “Madame Bovary: o retrato da histeria feminina do século XIX”, Gabrielle Madruga Fidalgo Brígido retoma a questão da histeria, que inaugura e atravessa os estudos psicanalíticos de Freud, mas também às voltas com a concepção de mulher marcada por uma época. Em uma linguagem mais literária, Jonas Samudio também nos oferece uma resenha envolvente de *Os ínvios caminhos: ler, escrever, psicanalisar*, de Lucia Castello Branco. E, por fim, Mariana C. G. Almeida, em “Desejo e reconhecimento: uma breve análise do poema ‘Canção de uma dama na sombra’, de Paul Celan”, apresenta-nos um trabalho refinado sobre o poema, que passa pela interpretação de Kojève da dialética de Hegel, o modo com que Lacan trata da dialética, tocando a ideia de nomeação.

De novo, um volume potente, atual, que gira em torno dos problemas da época, das minúcias psicanalíticas e das possibilidades centrais de sustentação da psicanálise em extensão. Para que este número esteja agora em suas mãos, foram necessários o esforço e o tempo de muitas pessoas, às quais agradecemos muito, dando destaque aos autores, pareceristas, à comissão de gestão da EPFCL-Brasil e às comissões da revista *Stylus*. Aproveitem!

Ivan Ramos Estevão  
São Paulo, novembro de 2021